

CORPALAVRA NOS REGISTROS LACANIANOS, O QUE SE ESCREVE COM JOYCE

Vivian Bastos¹
Lucília Maria Abrahão e Sousa²

« O que este mundo é, é um rosário de bolas... » Guimarães
Rosa

RESUMO: Nesse trabalho, temos por objetivo discutir o modo como Freud ensina que a memória não se faz presente de uma vez. Ela se estratifica, faz rearranjos, se desdobra em vários tempos, é registrada em diferentes espécies de indicações. A plasticidade da memória indica os tempos diferentes a partir de um elemento. Já Lacan relaciona o corpo de palavra com a topologia de nós a partir do que Joyce faz e produz na obra dele. A partir desses dois autores, refletimos os modos de (des)arranjo que a escrita possibilita.

Palavras-chave: James Joyce, Lacan, Freud, escrita.

Corpalavra in lacanian records, what is wuitten with Joyce

ABSTRACT: In this work, we aim to discuss how Freud teaches that memory is not presente all at once. It stratifies, rearranges itself, unflods at various times, is recorded in diferente kinds od indications. The plasticity of memory indicates the diferentes times from na element. Lacan, on the other hand, relates the body of words to the topology o fus based on what Joyce does and produces in his work. Based on these two authors, we reflect on the modes of (dis)arrangement that writing makes possible.

Keywords: James Joyce, Lacan, Freud, writing.

1 Psicóloga Clínica e Educacional. Especialista em Neuropsicologia pelo Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Ciências. E-mail: vivianbastos.psicologa@gmail.com

2 Doutorado direto (2002) em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, docente na USP/Ribeirão Preto. Bolsista Produtividade, CNPq. E-mail: luciliamasousa@gmail.com

Nesse trabalho, temos por objetivo discutir o modo como Lacan, em diferentes trabalhos do seu ensino, relaciona o corpo de palavra com a topologia de nós a partir do que Joyce faz e produz na obra dele. Antes de iniciar o Capítulo X, do Seminário 23, “A escrita do ego”, Lacan ([1975-1976] 2007) escreve uma página com a palavra “concluir”, o que nos indica um caminhar para um efeito de fecho. Entendemos que concluir não trata de um fim definitivo, mas o caminhar borromeanamente por entre os fios de uma escrita. Inicialmente ele se diz embaraçado, mas logo em seguida afirma que acredita ter algo para transmitir. De saída, pensamos no escabelo³ quando Lacan diz crer, ele tem onde se içar e isso indica que enfim seu pensamento tem um apoio. Lacan (op. cit., p. 141) indica que “é preciso fazê-lo!”. Questionamos: é preciso escrever o sintoma para transmitir? Escrever com o sintoma é fazer *sinthoma*?

Questionamos se o nó bo muda ou acrescenta algo na clínica que vem sendo formulada desde o Seminário 1, já que confere outra espécie de materialidade ao pensamento teórico-clínico de Lacan. Ainda não sabemos dizer, mas trabalhamos com a hipótese de que o nó oferece a possibilidade de que algo possa ser colocado na palma das mãos, caiba entre os dedos, possa ser tocado, contornado, revirado e torcido como um material plástico e deslizante ao modo dos movimentos do falasser. Em nossa leitura desse capítulo enumeramos uma certa quantidade de conceitos que Lacan traz de uma tacada só a cada parágrafo e não é à toa a indicação para concluir, já que todo esse conteúdo foi trabalhado ao longo desse seminário e de outros. A palavra concluir indica certa temporalidade, há tempo, um

3 Na França essa palavra é muito comum mas, no Brasil, pouco conhecida. Trata-se de um banquinho que fica na cozinha e que é usado para pegar algo no alto, instrumento de um degrau para pôr os pés e alcançar algo.

tempo de concluir; há o tempo de escutar o significante, há o tempo de amarrar os nós e há o tempo de uma escrita produzida a partir dessas temporalidades. Diante de tantas notas, tentaremos esclarecer o que borderar nesse momento.

Retomamos os dizeres de Lacan ([1975-1976] 2007): “é preciso fazê-lo” e “o nó se escreve”, o que nos joga no texto “Joyce, o Sintoma”. Recortamos alguns trechos para o entendimento de por onde Joyce faz sua escrita, por ter e não por ser um corpo. Seria pelo ter um corpo, e deste ser um estrangeiro, por onde Joyce escreve seu ego: Joyce o faz pelo corpo (não pelo corpo da imagem). Isso podemos escutar em “Joyce, *Sinthoma*” ([1975-1976] 2001, p. 560 - 561) na obra *Outros Escritos*, em que Lacan desenvolve joyceanamente seu pensamento:

UOM [LOM]: em francês, isso diz exatamente o que quer dizer. Basta escrevê-lo foneticamente, o que lhe dá uma faunética (com faun...) à sua altura: o elobsceno [eaubscène]. Escrevam isso com elob... para lembrar que o belo não é outra coisa. Helessecrêbello, a se escrito como o hescabelo, sem o qual não haum que seja doidigno dunome diomen. UOM seumaniza [lomellise] à larga. Envolve-se, dizem, é preciso fazê-lo: porque sem se envolver, não há escabelo.

[...] UOM, UOM de base, UOM Kitemum corpo e só-sóTeium [nan-na kum]. Há que dizer assim: ele teihum..., e não: ele é um... (corp/aninhado). É o ter, e não o ser, que o caracteriza. Há uma terência [avoieiment] no “que que vc tem?”. Com que ele se interroga ficticiamente, por ter sempre a resposta. Tenho isso, é seu único ser. O que faz a z... na chamada epistêmica, quando se põe a sacudir o mundo, é fazer o ser vir antes do ter, quando o verdadeiro é que UOM tem [a], no princípio. Por quê? Isso se sente e, uma vez sentido, demonstra-se. (LACAN, 2003, p. 560)

Envolva-se, faça, é preciso, tem precisão; moldar com as próprias mãos o que se passa pelo corpo. Trançando corpo, palavras, tempo. Há uma terência que se impulsiona pelos significantes, ao mesmo tempo em que se evita com certa prudência algo que não possa ser demonstrado; um evitar e mentir ao afirmar ter um ser, uma ideia que encapsula o ter. UOM ter (“teinhum”) um corpo, afirma Lacan. Seguimos um pouco mais nessa trilha:

Ele tem (inclusive seu corpo) por pertencer ao mesmo tempo a três... Chamemo-las de ordens. Atestando o fato de que ele tagarela para se azafamar com a esfera que faz para si um escabelo.

[...] A fala, é claro, define-se aí por ser o único lugar em que o ser tem um sentido. E o sentido do ser é presidir o ter, o que justifica o balbucio epistêmico. (idem, p. 561)

O homem precipita-se a ser um corpo; faz degrau deste e se põe a tagarelar: falar da boca para fora, falar da boca para dentro; o que ressoa nessa consistência: a pulsão - o eco de que há um dizer, mas não todo dizer.

(...) O que importa, pois, sem esclarecer de onde, é perceber que UOM tem um corpo [...] Ter é fazer alguma coisa com. Entre outras, entre outras visões ditas possíveis, por sempre “poderem” ser suspensas [...] Quanto a mim, contento-me em dizer: nó, menos alarido. Nó entre que e quê, não digo, na impossibilidade de saber, mas tiro proveito de que a trindade, UOM não pode deixar de escrevê-la, desde o momento que se imunda [s’immonde]. (Lacan, 2003, p.562)

O homem se escreve, pela tríade, real, simbólico e imaginário. O homem se imunda (“se suja”), se lança ao mundo, se (i)mun-da no mundo, nas e das palavras. A partir do

zero que indica um vazio:

Foi para não perdê-lo, esse pulo do sentido [bond du sens], que enunciei agora que é preciso sustentar que o homem tem um corpo, ou, em outras palavras, que é falasser por natureza. (Lacan, 2003 p. 562)

O homem é um fala(ser); um falar ser, ele se conta num narrativa discursiva, ele se fala ser, não é ser é falasser, parletre - falando, par letrê - por letra. Seguimos, ainda com os textos já citados em vista. Lacan ([1975-1976] 2007) indica que Joyce se crê pela escrita, não pelo corpo imaginário, ou seja, o eu. Joyce não é um corpo, ele tem um corpo, ele o usa enlaçado pelo simbólico, que não segue guiado pelo e não pelo Nome do Pai, doravante NDP, mas não é sem ele.

Lacan diz que, em todo texto de “Ulysses”, o enquadramento tem sempre uma relação de homonímia, como o que lhe é suposto contar como imagem. Vale destacar que os recursos sonoros de emendas, deslizamentos, repetições e quebras de sons de diferentes línguas são o modo como Joyce sustenta a sua escrita, o que levanta para nós a seguinte questão: a sustentação da imagem se faz pelo som da palavra, pelo corpo de lalingua, pela imagem da palavra-corpo/corpalavra⁴?

Se o imaginário lacaniano é o que sustenta o campo da realidade para o sujeito, tornando suportável o real, pela via das semelhanças de um objeto que represente um eu, Joyce testemunha a desconexão que há com o corpo (a não proporção sexual na medida em que também faz uso dela), a relação com um ego que não é narcísico, ou seja, que não é suportado em um corpo como imagem. Corpo imagem que, pela pai-versão, aponta a castração e a orientação fálica, ditando uma versão. Não é pelo corpo, mas não é sem o corpo, mas pelo fazer corpala-

4 Neologismo nosso.

vra, fazendo ex-sistir a não-relação pelo jogo de palavras (e de sons de palavras), pela quebra, bricolagem, trituração, sideração e invenção a partir delas.

Será que Joyce faz consistir em cadeia significativa o que é colocado em escrita? A escrita de Joyce não tem uma versão. Não que ela não tenha uma história, uma referência territorial. Vale indagar ainda: a escritura de Joyce (seu ego/ Sinthoma) abre-se para o enigma e para o passo do sentido? Reta Infinita? Joyce não se dirige ao Outro, ele usa a palavra ditada pelo Outro, sustenta a estrangeiridade em relação ao corpo e ao corpo do que escreve. Será isso o que sustenta o enodamento? Será que a escrita de Joyce nos aponta algo da forma como a gente pensa, de como usamos a linguagem? Joyce testemunha que a vida da lingua(gem) é infinita, enquanto nós tentamos enquadrá-la a partir das normativas do sistema da língua? Sobre isso, Lacan ([1975-1976] 2007, p. 144) marca que “A falha exprime a vida da linguagem, sendo que a vida para a linguagem significa algo muito diferente do que chamamos simplesmente vida”.

Isso se articula com outro ponto que Lacan toca nesse seminário. A Reta Infinita na Matemática são os números infinitos, ela é infinita e não se fecha em si. Tem uma homologia da Matemática com a Gramática - é aí que Joyce afeta e cria outra forma de falar e fazer uso da língua, ele a usa como a matemática ao modo de uma reta infinita. “A escrita em questão vem de um lugar diferente do significante” (LACAN, [1975-1976] 2007, p. 141). De que lugar viria então essa escrita singular? A de Joyce e a que Lacan está propondo extrair do uso que aquele faz: temos uma escrita que se desdobra em diferentes pontos. Vejamos.

O manejo com o nó e com o significante, os usos que Joyce faz deles, implicam considerar que a “fabricação (LACAN, op. cit., p. 140) desse nó” é uma cadeia. Esse último,

é um termo é caro para Lacan, desde os seus primeiros seminários, já que cadeia estabelece uma ordem passível de deslizamento. É nela e com ela que a corredeira dos significantes produz movimentos, o mesmo ocorrendo com os nós que reclamam fios que também se enlaçam, descosturam, prendem ou se soltam de modo dinâmico. Assim, o processo de “fabricação do nó” implica o trabalho com o material que, sob certas condições, transforma-se em produto, em outra coisa. Estamos diante da indicação de duas materialidades: a cadeia e o material que a constitui, ou a trama de amarrações e aquilo de que é fabricada. Nesse ponto, a escrita se coloca na dupla articulação dessas materialidades – o nó como cadeia e o significante.

“Esse nó é um apoio ao pensamento, mas, curiosamente, para tirar daí alguma coisa, é preciso escrevê-lo, ao passo que, se nos limitarmos a pensá-lo, não é fácil representá-lo, mesmo o mais simples, não é fácil vê-lo funcionar. Esse nó, esse nó bo, implica que é preciso escrevê-lo para ver como ele funciona.” (LACAN, [1975-1976] 2007, p.140)

O nó-bo-cadeia funciona a partir dos modos de articulação desse material, da prática do trançado dos fios, das (revira)voltas de pontas que se enlaçam e entremeiam, em suma, a partir da materialidade de uma escrita que se produz aí. “Uma escrita é, portanto, um fazer que dá suporte ao pensamento.” (idem, p. 140). É o funcionamento do fio que sustenta essa escrita sobre a qual Lacan irá se debruçar. Como suporte e apoio do pensamento, a escrita do nó bo articula-se com a “precipitação do significante” (idem, p. 140), o que marca que a palavra – esse bem tão caro a Lacan desde o início do ensino – funciona em seus jeitos de se amarrear aos dois outros registros do humano, produzindo uma escrita. Só assim é possível escutar o que se escreve singularmente para

cada sujeito; dessa maneira, a escrita é o corpo material do pensamento clínico de Lacan ([1975-1976] 2007) que desenha, amarra e produz a fabricação do nó-cadeia a partir da precipitação do significante e da ancoragem da palavra em certo modo de ordenar os registros.

Vale um adendo para colocar em diálogo o que Lacan propõe com o que Derrida (citado por ele) apresenta sobre a escrita; ela não é considerada um material empírico que marca presença, mas o sistema essencial de traços que marcam uma diferença na estrutura. A escrita em Derrida coloca em funcionamento uma série de traços de diferenças em constante jogo uns com os outros.

A questão da *différance*, ou do traço, não é pensável a partir da consciência de si ou da presença para si, nem em geral da plena presença do presente. Eu sentia claramente que havia em reserva, em Freud, uma poderosa reflexão sobre o traço e a escrita. Sobre o tempo também. (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 204)

A escrita (ou também chamada de *escritura*) tem relação com o caráter gráfico, a possibilidade de impressão dele, a marca, o rastro, o traço e a diferença. Derrida alerta que tudo isso é constituído a partir da singularidade, da manha e da autobiografia. Tal concepção de escrita estabelece um forte diálogo com o que Lacan está propondo já que a fabricação do nó é de cada sujeito falante no funcionamento da precipitação de seus significantes em um dado momento da análise. Ora, sabemos que o analista é um leitor de traços singulares que aparecem e caem, de palavras que se amarram e desenlaçam, de elos que se articulam e funcionam singularmente, mas o que Lacan ([1975-1976] 2007, p.140) aponta nesse fechamento do seminário é que no “meu nó bo, isso muda o sentido da escrita” e “a es-

crita (...) muda o sentido”, abrindo caminho para pensar uma outra dimensão do dito, não aquele formalmente literário ou linguístico, mas o que marca o funcionamento da letra que “testemunha a intrusão de uma escrita como outro [autre] com um pequeno a.” (idem, p. 141).

No caso de Joyce, “a escrita vem de um lugar diferente” (idem, p. 141), trata-se da escrita à moda da reta infinita, envolta pelo furo de todos os lados, suporte de lalingua e do impossível preencher ou completar. “A reta infinita, por sua vez, tem por virtude ter o furo em volta dela toda. É o mais simples suporte do furo”, afirma Lacan (idem, p. 142) apontando o funcionamento da escrita joyceana, qual seja, aquela em que as palavras se jogam sobre si mesmas, contorcendo-se e rasurando-se, desdobrando-se em uma precipitação significante sem ponto de basta ou retroação que aponte um sentido fechado. Ao contrário, Joyce sidera gozantemente com os sons de palavras contornadas pelo furo da reta infinita que as toca por todos os lados, fazendo-as distender um bocado mais adiante no fluxo de sons (de várias línguas e de nenhum delas) que se combinam, litigiam, articulam e/ou rompem sem a necessidade de serem entendidos ou lidos com as diretrizes de gramática alguma.

Com esta escrita, ele promovia uma experiência singular com as palavras, infligindo na própria linguagem uma quebra e uma decomposição. O que, posteriormente, veio a ser compreendido como uma forma de enfrentar aquilo que o afligia, a saber: o caráter impositivo das falas. É a experiência singular de Joyce com a palavra, que ele a vivenciava como algo que lhe era estranho, heterogêneo, imposto. As palavras apareciam-lhe estrangeiras em função do seu sintoma. (ALMEIDA, 2015, p. 34)

Essa escrita particular joyceana tem relação com a lógica bo de sacos e cordas. La-

can ([1975-1976] 2007, p. 142-143) assegura que:

O que tento introduzir com a escrita do nó não é nada além do que chamarei de uma lógica de sacos e cordas (...) O que a corda prova é que um saco só é fechado quando é amarrado. Em toda esfera, é preciso que imaginemos alguma coisa – que está, com certeza, em cada ponto da esfera – que enode com uma corda essa coisa na qual soprados (...) essa lógica dita de sacos e de cordas pode nos ajudar a compreender como Joyce funcionou como escritor.

Ao assumir uma posição peculiar de autoria, Joyce escapa ao sentido dos textos “das pessoas que escrevem suas recordações de infância. Isso tem consequências. É a passagem de uma escrita para outra escrita” (LACAN, idem, p. 143). Essa outra escrita conta com: i. a invenção de um próprio modo de dizer e de ordenar as arestas da estrutura, ii. o desinteresse por ser compreendido e lido como autor da literatura, iii. o uso bricolado dos sons das palavras em uma balbúrdia que pulsa e respira no corpo da escrita os indicadores do impossível.

(...) alguma coisa aconteceu a Joyce por uma via da qual creio poder dar conta.

Alguma coisa lhe aconteceu e faz com que, nele, o que chamamos correntemente de ego tenha um papel muito diferente do simples papel – que imaginamos simples – que ele tem para o mais comum dos que chamamos, de modo apropriado, mortais. O ego cumpre nele uma função da qual só posso dar conta pelo meu modo de escrita (...) a escrita é essencial a seu ego. (LACAN, idem, p. 143)

A escrita de Joyce faz com que Lacan se encontre com a contundência e eficácia de sua própria escrita dos nós; ambas indicam um modo de não ler de modo alfabe-

tizado seja na escolarização estrita, seja na psicanalítica. Considerando que a escrita de Joyce “não convoca em nós simpatia alguma” (idem, p. 147), são centrais a consideração do selo de uma autenticidade nunca visto e o encontro com uma produção que comporta o enigma.

(...) graças a Joyce, tocamos alguma coisa que jamais eu tinha considerado (...) O que me impressiona sobretudo é que ele não se deu conta disso, a saber, que não há vestígios em toda a sua obra de alguma coisa similar. Mas isso me parece muito mais um signo de autenticidade. (...) Quando lemos o texto de Joyce, e sobretudo seus comentadores, o que impressiona é o número de enigmas que ele contém. (...) com Joyce perdemos o latim, ainda mais porque, de latim, ele conhecia um bocado. (LACAN, idem, p. 149)

Trata-se, sim, de um modo particular de enodamento dos registros que só foi possível pela escrita, produzindo uma costura onde antes rateava a amarração do imaginário.

Sem dúvida a escrita teve um papel fundamental no romancista, por meio dela ele pôde promover uma amarração entre o simbólico e o real. Todavia, este enodamento não incluía o registro do imaginário que se desprendia do simbólico, resultando assim numa escrita destituída de sentido, ou, como preferimos dizer, destituída de um único sentido e preenchida por uma multiplicidade deles. A justificativa para isso se encontrava na falha do enodamento dos registros. Como a obra de Joyce por si só não era capaz de corrigi-la, o escritor teve que conceber uma solução singular, que Lacan identificou e nomeou como ego particularíssimo, no qual o desejo de ser artista e a invenção de um nome próprio encontravam-se atrelados. (ALMEIDA, 2015, p. 34)

Aprendemos a partir do círculo e da cruz que só é possível amarrar 2 infinitos se for por um vazio - seria essa a lógica do saco e da corda? A linguagem que atravessa o corpo (saco) e imprime por sua entrada o traço Unário (corda) - S1. Neste seminário, o Traço Unário ganha o suporte de Reta Infinita (RI): "A reta como princípio é o essencial do nó, ela tem o furo por toda sua volta. Ela representa o mais simples do furo", diz Lacan. Cevalasco, (2018, p. 26) afirma que "a reta infinita é considerada um nó trivial que se fecha no infinito.". Mais adiante a autora pondera que:

"... a reta infinita escreve o furo real, um furo que não tem nada, no qual não pensamos porque estamos dentro dele. O furo é o que está em torno da RI."

..."A ruptura de um elo não rompe o nó, se fizermos dessa ruptura uma RI."

Será essa uma indicação clínica? Esse o uso de Joyce? O entrelaçamento do nó produz em seu centro um furo. Assim, nó e furo encontram-se ligados na clínica borromeana. O que seria o furo real? Como e por que a reta infinita é a melhor maneira de ilustrar o furo verdadeiro? O furo real seria o inconsciente, esse "vazio", apoiado pela reta infinita (letra)? Retornando ao que Lacan nomeia de Reta Infinita, ou seja, Traço Unário. Interroga Lacan ([1975-1976] 2007, p., p. 142): "O que é um elemento? Um elemento é, de uma parte, o que faz um - dito de outro modo, o traço Unário - e o que, por fazer um, incita a substituição." O traço faz Um que incita a formação de outros, outros arranjos, novos encontros e enlaces dos significantes.

Seguindo a trilha de Lacan, debruçamo-nos a ler a Carta 52, de Freud a Fliess (Freud, 1896, p. 281 - 287), em que é possível extrair o que seria, então, o traço unário nos primórdios da Psicanálise.

(...) Como vc sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias - a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. (FREUD, 1896, p. 281)

Ensina ele que a memória não se faz presente de uma vez. Ela se estratifica, faz rearranjos, se desdobra em vários tempos, é registrada em diferentes espécies de indicações. Entendemos que Freud afirma a plasticidade da memória em tempos diferentes a partir de um elemento e também que a cada tempo uma indicação, mas nunca a primeira.

(...) gostaria de acentuar o fato de que os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psiconeuroses com a suposição de que essa tradução não se fez no caso de uma determinada parte do material, o que provoca determinadas consequências (...) Uma falha na tradução - isto é o que se conhece clinicamente como "recalcamento". (Freud, 1896, p. 283)

Afirma Freud, que há uma determinada parte que não encontra tradução nos processos psíquicos e segue indicando uma temporalidade de inscrição e retranscrição a partir dos traços. Há a "Coisa" que não pode ser traduzida. A partir do esquema que apresenta na Carta 52 (idem, p. 282), ele propõe a seguinte construção:

Percepção (são percepções, não indicam nenhum traço, mas destas se originam os próxi-

mos processos);

Indicação de Percepção (primeiro registro das percepções, incapaz de se associar a consciência mas se associa por simultaneidade aos processos psíquicos);

Inconsciência (segundo registro, sem acesso à consciência, talvez correspondam a lembranças conceituais e inacessíveis);

Pré-Consciência (terceira transcrição, ligada às representações verbais)

Diz Freud, sobre as “transcrições” provenientes da pré-consciência:

(...) tornam-se conscientes de acordo com determinadas regras; essa consciência secundária do pensamento é posterior no tempo e provavelmente se liga a ativação alucinatória das representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e em si mesmo destituídos de memória. (Freud, 1896, p. 282)

Freud mostra que, antes da memória, há um traço ou, em suas palavras, um sistema de traços, que “apoiam” a posterior aquisição da fala. No esquema da carta Freud nos dispõe um conjunto de traços, que se deslocam, se aproximam, se separam, apresentando uma anterioridade lógica de uma escrita. Podemos dizer que se institui a partir do traço Unário-RI esse recurso que insiste em sobre/determinar o anacronismo dos significantes com a escrita (conjunto de traços oriundos de percepções primárias) que apontam o furo real (inconsciente)?

A escrita, essa RI não se dirige ao Outro, mas oferece o material, a materialidade por onde a cadeia tece suas tramas ao Outro.

Joyce segue pela escrita e não pelo NDP, faz consistir a RI? Será isso que insiste em não se inscrever, na ordem da letra, o fio que tece a reta infinita e garante o furo real? Freud já nos indica, na Carta 52, que não há, no simbólico, algo que garanta que tudo esteja em seu devido “lugar”, que a cada tradução algo se perde, algo fica no inconsciente (Vorstellungsrepräsentanz) e, assim, ele aponta a movimentação constante num processo de extratificação dos significantes e que há um inacessível, um impossível (o furo?) que só pode ser parcialmente representado?

Lacan supõe, nesse seminário, que só há sujeito a partir do nó, ou seja, havendo o desenlace, não há sujeito. No nó-bo-cadeia os registros são equivalentes e, se um dos elos se desfaz, o nó desata. Mas então o que ata os elos enlaçados? O nome-do-pai é uma das possibilidades de manter o enodamento entre real, simbólico e imaginário, o NDP pode manter, mas o que enoda? Joyce testemunha que, não há um simbólico que garanta a lei, a harmonia entre os significantes (conjunto de elementos a partir de Um elemento), que não há Outro do Outro, que há o furo e a escrita.

Ainda a propósito de Joyce, com sua escrita aprendemos não haver no simbólico o um que ata, ele se faz a partir do que não há, (como o próprio Freud indica e depois Lacan a partir dos significantes); que o imaginário é possível de amarrar para além do Édipo, NDP. Finalmente perguntamos: o que sustenta o enodamento é a inclusão do real ou as possibilidades de invenções de cada sujeito de fazer com que as três consistências possam se encadear borromeamente?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LACAN, J. Seminário 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. Trabalho original proferido em, V. 76, 1975.

LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

CEVASCO, R. Passo a Passo. São Paulo: Editora Aller, 2018.

ALMEIDA, R. M. G. O ego particular de Joyce: da experiência epifânica ao sinthoma. Revista Subjetividades, Fortaleza: n. 15/1. 2015

FREUD, Sigmund. Carta 52. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1, p. 281-287, 1896.

Submissão: julho de 2023.

Aceite: agosto de 2023.